

OS TERRITÓRIOS DA CAPOEIRA ANGOLA NA RODA E NA VIDA

Ísis Valentini Caldas Manuel [1]

Palavras-chave: Escrevivência; Territórios negros; Mestre Nô.

INTRODUÇÃO

A capoeira angola é uma manifestação cultural que transforma territórios e paisagens, configurando-se como elemento fundamental na memória e identidade afro-brasileira. Este artigo analisa sua relação com a geografia cultural, adotando a escrevivência como metodologia, com base em vivências práticas, além de entrevistas e pesquisa bibliográfica, destacando os ensinamentos do Mestre Nô no curso de extensão da Universidade Federal da Bahia.

O presente estudo é fruto de uma provocação que culminou no trabalho final da disciplina Geografia Cultural, do curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal da Bahia (UFBA)[2]. Os estudantes foram convidados a escrever sobre uma expressão cultural vivenciada por eles, a partir da Escrevivência - conceito e metodologia de Conceição Evaristo, mas que também é "palavra germinante, pois é uma palavra viva, que possui trajetória e possibilita que novas ideias e saberes brotem e confluam" (Santos; Dorneles, 2021 apud DORNELES, 2024, p. 6). Dessa forma, a autora desenvolveu seu trabalho acerca da Capoeira Angola, por ser aprendiz de Mestre Nô no contexto do projeto de extensão desenvolvido na Faculdade de Educação da UFBA. Assim, buscou-se, retratar o espaço geográfico em que essa expressão cultural acontece, relacionando-a aos conceitos de território, territórios negros, paisagem, lugar e identidade.

A produção desse texto foi baseada na bibliografia trabalhada na disciplina de Geografia Cultural, pelas questões norteadoras para início da escrita e os debates em sala de

[1] Graduanda em Geografia na Universidade Federal da Bahia.

[2] A professora Azânia Mahin Romão Nogueira, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, ministrou o componente e orientou o trabalho.

aula. Ademais, as aulas de capoeira tornaram-se um laboratório vivo, no qual os ensinamentos foram absorvidos com maior atenção. Houve diálogos diretos com o Mestre, para tirar dúvidas e compreender seus fundamentos, bem como, conversas com seus discípulos mais antigos e já graduados por Nô. Não obstante, recorreu-se a documentários, teses, dissertações e artigos produzidos sobre a capoeira angola. Tendo a Escrevivência como método, o foco voltou-se para a experiência e vivência da autora, o que permitiu um olhar mais próximo e sensível ao tema.

Essa expressão da cultura popular brasileira, rica em diversos elementos, é reconhecida como Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Unesco, e em 2008, a Roda de Capoeira foi reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural Brasileiro (PORTAL IPHAN, 2014). Ressalta-se, portanto, a importância dos mestres de capoeira que são principais responsáveis por manter e cultivar a prática, Norival Moreira de Oliveira é um deles. Mestre Nô, completou 60 anos de maestria em 2024, é fundador do Grupo Capoeira Angola Palmares e recebeu o título e reconhecimento de Notório Saber pela UFSC, no ano de 2016, e pela UFBA em 2018, por ser um importante representante da história da capoeira das periferias de Salvador.

Os velhos mestres, segundo Corrêa (2018, p. 49), são guardiões de saberes e fazeres tradicionais. Aprender com um mais velho, um griô, como o Mestre Nô revela acerca da ancestralidade que a própria capoeira carrega desde sua origem, com raízes em África – mas sendo completamente brasileira – desenvolvida pelos escravizados e resistindo por séculos ao racismo e à marginalização.

Por fim, foi possível relacionar a capoeira angola com o espaço geográfico, compreendendo como essa arte modifica e transforma paisagens, bem como constitui territórios negros, através de seus fundamentos e elementos musicais, corporais e ritualísticos.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Viver a capoeira angola é aprender sobre o respeito. Respeito à história, à trajetória, aos ancestrais, à nossa cultura popular. A capoeira é *"tudo o que a boca come*", definição de Mestre Pastinha que ficou conhecida entre os capoeiristas do mundo todo. É um conjunto formado pela musicalidade, o significado e contextos dos toques do berimbau, a necessidade da luta como proteção, mas também como dança, convívio e troca em coletivo. Permeada pelas crenças religiosas nos Orixás e/ou nos santos católicos, pelas tradições de uma época que se acumulam relacionando tempo e espaço, essa dinâmica se manifesta de forma diferenciada nos lugares, contribuindo para a construção de identidades territoriais. É ter mandinga, ser mandingueira(o), ser capoeira.

Escrever sobre essa expressão cultural instiga a reflexão sobre toda a experiência que se traduz na forma como o corpo aprende e reproduz a capoeira, carregando o conteúdo de cada ginga, movimentos, toques do berimbau e demais instrumentos da bateria, cantigas etc. Um conjunto de elementos que reflete histórias de luta e resistência da cultura e identidade de um povo.

A capoeira por si só trata-se de um marcador cultural e simbólico que identifica territórios negros, de acordo com Nogueira (2018), a partir do conceito de marcadores culturais definido por Benedito (2013):

> Mas é justamente na inscrição ou marcadores culturais e simbólicos que a predominância racial se acentua, por meio de organizações sociais, culturais e políticas as quais efetivam um devir e identidades de memória coletiva negra e afrodescendente. (BENEDITO, 2013, p. 99 apud NOGUEIRA, 2018, p. 210).

Mas a linhagem da capoeira Angola aqui apresentada tem origem em um território específico: a Península de Itapagipe, situada na Cidade Baixa de Salvador (BA), local onde o Mestre Nô viveu desde a infância e onde iniciou sua aprendizagem na capoeira. No período em que ele era ainda um jovem aprendiz dessa prática, na periferia de Salvador o estilo do jogo era diferente do centro histórico. Segundo Nô *"era exigido do praticante ter mais agilidade e ser um pouco mais agressivo, para que pudesse sobreviver"*. Logo, essa relação centro-periferia da capoeiragem é geradora de conflitos e diferenças na forma que os corpos se reconhecem e lutam na roda. Nô traz movimentos mais altos e rápidos, enquanto a capoeira angola da cidade alta – da linhagem de Mestre Pastinha, por exemplo – ocorre com uma movimentação mais lenta e o corpo rasteiro no solo.

Aqui ressalta-se o olhar para o entendimento corporal do praticante da capoeira como um corpo-território que, de acordo com Miranda (2018), é a territorialidade em constante movimento que para onde se desloca carrega consigo toda a bagagem cultural construída ao longo das suas trajetórias. Nesse corpo existe mandinga, que para Nô, significa a combinação da "*malícia mais malandragem*", habilidades e percepções que são adquiridas pelo(a) capoeirista através das experiências na roda e na vida, no jogo de dentro e de fora.

Segundo Nô, essa é sua "*linhagem*", logo, a territorialidade encontra-se nesse sentido de construção da identidade a partir do território e vice-versa (NOGUEIRA, 2018). Bem como, seus alunos também pertencem a essa linhagem - a essa territorialidade - à medida que carregam no corpo e memória coletiva, costumes e ritos da capoeira de acordo com essa organização repassada pelos mestres.

Por vezes, esses costumes são tão marcantes que até mesmo na observação do jogo é possível identificar quem é o mestre daquele(a) capoeirista que está na roda. Pode-se afirmar que a relação entre mestre e alunos é uma relação de poder. Aquele que aprende diz 'esse é meu mestre' e isso demonstra a relevância do pertencimento e da identidade.

Mestre Nô conta sua história de vida e saberes da capoeira angola em todos os encontros do curso de extensão. Seu principal fundamento e filosofia é a frase "*Capoeira na Roda, Capoeira na Vida*". Para o Mestre, a roda de capoeira é o palco da vida, nela o praticante se prepara para o dia a dia (ACCORDI, 2019).

Os territórios negros também podem ser identificados por meio da 'toponímia da resistência', conforme discutido por Nogueira (2018, p. 211), evidenciada na alusão à cultura afro-brasileira e ao Quilombo dos Palmares presente no nome do grupo 'Capoeira Angola Palmares'. Trata-se, portanto, de um espaço de resistência, da capoeira como forma de defesa, que carrega consigo a ancestralidade e a reverência. Esse é um território negro, ainda que não seja composto exclusivamente por pessoas negras, mas é apropriado, marcado e qualificado pela cultura diaspórica afro-brasileira.

As aulas do curso de extensão que Mestre Nô leciona na UFBA, podem ser caracterizadas como territórios de ocupação interacional (LEITE, 1996 apud NOGUEIRA, 2018, p. 212) ou como territórios cíclicos – conceito de Marcelo Lopes de Souza (2011) – por serem pontos de troca e encontros que não são necessariamente fixos e se transformam com o tempo. Na mesma classificação estariam as rodas de capoeira que acontecem nas ruas, praças ou eventos, as quais modificam e transformam a paisagem. Nesse contexto, a paisagem das rodas de capoeira, é formada pelos corpos em movimento – os quais seguem o ritmo comandado pelo toque do berimbau e toda a bateria (composição de todos os instrumentos tocados nas rodas) – além do próprio formato em roda, as vestimentas específicas (camisa de manga, calças e sapatos fechados), os sons e cantigas da musicalidade da capoeira (ladainhas, chulas, quadras e corridos). Assim sendo de modo que se compreende a paisagem como definido por Milton Santos (1988):

> o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas por volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons […]. A

> dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. (SANTOS, 1988, p. 21).

Ressalta-se o papel da extensão universitária como essencial para propiciar a relação entre a universidade e a comunidade. Nesse aspecto, o curso de extensão em questão possibilita o intercâmbio cultural, trazendo a cultura e saberes populares para dentro do contexto acadêmico, dialogando com respeito e autonomia. Em especial, a capoeira no contexto da educação é fundamental para valorização cultural e regional, seja nas universidades ou nas escolas de ensino básico, como afirma Gomes (2003):

> trabalhar com a cultura negra, na educação de um modo geral e na escola em específico, é considerar a consciência cultural do povo negro, ou seja, é atentar para o uso auto-reflexivo dessa cultura pelos sujeitos. (GOMES, 2003, p. 79).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da liberdade que a metodologia da escrevivência propícia, foi possível retratar sem neutralidades a importância e dimensão da capoeira angola experienciada pela autora. Os ensinamentos aprendidos através da oralidade, da música e do movimento corporal, foram absorvidos e repassados em formato de escrita-vivenciada. O papel da memória viva e compreensão histórica e geográfica da capoeira angola na Bahia permitiram a construção de uma narrativa própria, mas que bebe de muitas fontes pois é vivenciada coletivamente. Não existe jogo individual na roda, nem na vida.

Os conceitos de territorialidade, território, corpo-território, paisagem e a relação centro-periferia, permitiram expandir o olhar geográfico para essa expressão cultural compreendendo seu impacto no espaço. No aprendizado da capoeira, a relação com o espaço geográfico se transforma. As rodas, formadas em lugares diversos, modificam a paisagem quando aglutinam pessoas, corpos dançantes e em luta, observadores, musicalidade, sons e cores. Na UFBA, especificamente, uma área vazia no vão livre do térreo da Faculdade de Educação é preenchida pelos praticantes que treinam coletivamente, propiciando uma nova função para aquela estrutura preexistente. Enquanto os corpos-território carregam a bagagem das experiências e ensinamentos presentes na capoeira da periferia de Salvador, mesmo que cada um tenha sua liberdade e individualidade de movimento, a raiz é essa.

Destaca-se a importância da capoeira para a educação no Brasil, uma ferramenta de valorização da cultura popular, que propicia debates acerca das distintas formas de ensino e vivência pedagógica. Nas rodas e treinos nos é ensinada a história, a comunicação, as noções de hierarquia e respeito, entre tantos outros aprendizados.

REFERÊNCIAS

ACCORDI, Leandro de Oliveira. Memórias periféricas... As narrativas de Mestre Nô: Capoeira Angola, educação e formação humana. Salvador, 2019. 377 p. Tese de Doutorado em Educação - Universidade Federal da Bahia.

BENEDITO, Vera Lúcia. Cor e territórios na cartografia das desigualdades urbanas. In: OLIVEIRA, Reinaldo José de (Org.). A cidade e o negro no Brasil: Cidadania e território. São Paulo: Ed. Alameda, 2013. p. 95-127.

CORRÊA, Joseane Pinho. A arte de ensinar a capoeira, na roda e na vida: Pedagogia da Capoeiragem de Norival Moreira de Oliveira – Mestre Nô. 2018. 111 p. Dissertação

(mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2018.

DORNELES, Dandara Rodrigues; MEINERZ, Carla Beatriz; ROSA, Russel Teresinha Dutra da. Escrevivência: sentidos na obra evaristiana e modos de viver a pesquisa em educação. PerCursos, Florianópolis, v. 25, e0105, 2024.

GOMES, Nilma Lino Cultura negra e educação. Revista Brasileira de Educação, n. 23, p. 75–85, maio 2003.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Notícia: Roda de Capoeira é mais novo Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/66/. Acesso em: 2 dez. 2024.

LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação. In: LEITE, Ilka Boaventura. (Org.). Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996, p. 33-53.

MESTRE PASTINHA, REI DA CAPOEIRA | DOCUMENTÁRIO. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Aiufa8mh9fs. Acesso em: 26 set. 2023.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. Corpo-território, desenho e paisagem afrobrasileira: pode um corpo negro desenhar paisagens? InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade, v. 4, n. 13, p. 62–75, 23 abr. 2018.

NEGO BOM DE PULO: Mestre Nô e a Capoeira da ilha. Produção de Kiko Knabben. Caldo Filmes: Florianopolis, 2015. Disponível em: https://youtu.be/TsWlRAkg5no?si=GRl2qfvHNREBdu8e. Acesso em: 13 nov. de 2024.

NOGUEIRA, A. M. R. A construção conceitual e espacial dos territórios negros no Brasil. Revista de Geografia (Recife), v. 35, p. 204-218, 2018.

SANTOS, Milton. METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SOUZA, Marcelo Lopes de Souza. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia: conceitos e temas. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 77-116.